

Artigo / Article

O funcionamento pré-discursivo e as estratégias textuais

Pre-discursive functioning and textual strategies

Mônica Magalhães Cavalcante 

Universidade Federal do Ceará, Brasil

monicamc02@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-5561-3993>

Mariza Angélica Paiva Brito 

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia
Afro-Brasileira, Brasil

marizabrito02@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-5375-5480>

Mayara Arruda Martins 

Universidade Federal do Ceará, Brasil

contato@mayaramartins.me

<https://orcid.org/0000-0001-5673-0780>

Recebido em: 30/06/2023 | Aprovado em: 07/11/2023

Resumo

Neste trabalho, objetivamos mostrar como uma análise textual lida com as anterioridades discursivas. Os pré-discursos se referem a ideias, crenças e narrativas que circulam em uma sociedade ou grupo social e que influenciam na produção e na interpretação de discursos (Paveau, 2013 [2006]). Essas anterioridades discursivas devem ser consideradas na análise linguística do texto, uma vez que elas afetam as perspectivas e as posições individuais em relação a diferentes questões. Analisamos duas charges humorísticas para compreender essa dinâmica das influências sociais e culturais que permeiam a produção e interpretação textual. Ao levar em conta os pré-discursos na análise textual, reconhece-se que o sentido não é apenas resultado das características internas do texto em si, mas também é influenciado pelo contexto mais amplo em que o texto ocorre. Justificamos por que os critérios analíticos da linguística textual, como plano de texto, intertextualidade e referência, consideram as estratégias argumentativas supondo a cognição distribuída.

Palavras-chave: Texto • Discurso • Anterioridades • Contexto • Cognição distribuída

Abstract

In this work, we aim to show how a textual analysis deals with discursive "anteriorities". Pre-discourse refers to ideas, beliefs and narratives that circulate in a society or social group and that influence the production and interpretation of discursive uses (Paveau, 2013 [2006]). These pre-discourses must be considered in the linguistic analysis of the text since they affect individual perspectives and positions in relation to different issues. We analyzed two humorous cartoons to understand the dynamics of social and cultural influences that permeate textual production and interpretation. By taking pre-discourses into account in textual analysis, we admit that meaning is not only a result of the internal characteristics of the text but is also influenced by the broader context in which the text occurs. We justify why the analytical criteria of textual linguistics, such as, text plan, intertextuality and referencing, consider argumentative strategies assuming the distributed cognition.

Keywords: Text • Discourse • Anteriorities • Context • Distributed cognition

Introdução

Neste trabalho, ponderamos sobre por que algumas concepções de Paveau (2013 [2006], 2021 [2017]) sobre anterioridades discursivas convergem para pressupostos da linguística textual. Marie-Anne Paveau (2013 [2006]) pleiteia uma dimensão cognitiva para a análise do discurso. Mas não adota uma cognição circunscrita à mente individual. E, além disso, recusa uma noção de memória discursiva apenas como representações culturalmente herdadas. A defesa teórica de Paveau (2013 [2006]) é que os saberes e as crenças, que são de ordem representacional, devem ser vistos como integrados às práticas. Seria necessário, portanto, falar de uma dimensão cognitiva entendida como processos de construção de conhecimentos. Mas essa construção só se configuraria nos usos, nas práticas discursivas, a partir de dados percebidos pelos sentidos, articulados com a memória (das pessoas e dos objetos do ambiente) e negociados nas relações sociais. A autora sugere, então, uma definição de pré-discurso que esteja articulada com a perspectiva de cognição distribuída:

Conjunto de quadros pré-discursivos coletivos que têm um papel instrucional para a produção e a interpretação do sentido no discurso. Esses quadros não se encontram somente na cabeça dos indivíduos e na cultura de grupos, mas são distribuídos nos contextos materiais da produção discursiva (Paveau, 2013 [2006], p. 129).

Isso significa que o processo de produção e interpretação do sentido nos usos discursivos não ocorre apenas dentro das mentes individuais, mas também é influenciado e moldado pelos contextos sociais e materiais nos quais o texto acontece. Os quadros pré-discursivos coletivos referem-se a conhecimentos compartilhados, valores, normas e crenças que são construídos e mantidos em um determinado grupo social. Eles são incorporados não apenas aos empregos linguísticos, mas também aos artefatos, aos gestos tecnolinguageiros, em síntese. As ideias de Paveau (2013 [2006]) reconhecem a importância da interação entre indivíduos, grupos e

LINHA D'ÁGUA

contextos materiais na construção e negociação dos sentidos. Por isso, esses pressupostos convergem para a linguística textual, que define o texto como um evento que se estabelece na interação e tem uma unidade comunicativa de coerência em contexto. Cavalcante *et al.* (2022) enfatizam que os modos de textualização incorporam o contexto sócio-histórico quando da emergência do texto, fundamentando-se em Hanks (2008).

A relevância da consideração dos pré-discursos nas análises linguístico-textuais tem sido destacada por Soares (2023), que, em seu projeto de tese, discute não apenas os termos técnicos que costumam ser associados às anterioridades discursivas, mas também os conceitos que estão integrados a elas, como os valores dóxicos, os estereótipos e as identidades.

Conforme Amossy e Pierrot (2022) e Silva (2022), estereótipos são estruturas cognitivas enraizadas em crenças comuns. Essas representações sociais da realidade se materializam por meio de processos discursivos em diversas sociedades. No contexto da interação social, os estereótipos são acionados pelos indivíduos para comunicar perspectivas fundamentadas em evidências culturalmente compartilhadas. Assim, o estereótipo tem uma base fundada na doxa, refletindo o consenso cultural subjacente. Para Amossy (2018), a doxa é o fundamento da argumentação. Os sujeitos podem utilizar variadas formas de discurso com o propósito específico de sustentar um determinado ponto de vista, empregando argumentos fundados em conhecimentos culturalmente compartilhados. Segundo Lippmann (2008), existe uma imagem do mundo mais ou menos ordenada e consistente, à qual nossos hábitos, gostos, capacidades, confortos e esperanças se ajustam. Assim sendo, as representações que formulamos do mundo são maleáveis, sujeitas a variações conforme o contexto sócio-histórico-cultural em que vivemos e as crenças que partilhamos. O autor explica que os estereótipos carregam consigo sentimentos, funcionando como alicerces de nossa tradição: “constituem a fortaleza de nossa tradição e, por trás de nossas defesas, podemos continuar a sentir-nos seguros em nossa posição” (Lippmann, 2008, p. 57). Nessa perspectiva, os estereótipos se ancorariam em doxas, ou seja, conjuntos de crenças e opiniões pré-construídas que são comuns a determinados grupos sociais.

1 Sobre pré-discurso

Pré-discurso é mais que a memória discursiva, porque requer atualização nas produções materiais – esta é a tese de Paveau (2013 [2006]) que pensamos ser condizente com os estudos linguístico-textuais. Como afirma a autora, os pré-discursos não são os discursos produzidos antes, mas, sim, as anterioridades do discurso. Derivam de quadros de saber e de crença que dão instruções aos discursos que se produzem. São informações de natureza enciclopédica ou estereotípica, mas também do senso comum, o que significa defender que não são apenas as camadas de poder material e simbólico, mas ainda as camadas menos dominantes e menos legítimas. Desse modo, os saberes doxais incluem o senso comum, a fala ordinária e a argumentação baseada em hipóteses verificáveis, portanto não envolvem somente a noção de doxa como partilha de saberes especializados.

Refletindo sobre o que Arendt (2007) concebe como opinião “pública”, Seixas (2019) observa que ser “público” não significa apenas ser publicizado, mas advir de um agente no mundo social que tome posições e defenda suas opiniões para poder sedimentar sua ideia de pertencimento a dados grupos de posicionamento e se identificar com eles. Seixas (2019) também redefine a noção de opinião “política”, reservando ao termo *político* um sentido mais especializado. Porque, se “política” se reduzisse a qualquer processo de escolha para uma tomada de decisão em detrimento de outras, então tudo caberia numa ação política, e isso desfaria os limites do fazer político, do ato político em si mesmo, em seu sentido mais estrito.

Considero que ambos os conceitos são de naturezas distintas e me preocupo aqui não com a opinião geral (opinião média) de uma população acerca de determinado tema, mas sim da opinião construída por determinados atores políticos sobre questões especificamente políticas, sendo tal opinião obviamente comunicada, publicada de alguma forma. Entendo, por assim dizer, que opinião pública e a opinião especificamente política — nem sempre “pública”, mas frequentemente “publicada” — por mais que em alguns momentos possam convergir para uma mesma ideia, trata-se de fenômenos significativamente distintos do discurso social (Seixas, 2019, p. 98).

As reflexões de Seixas (2019) sobre opinião comum, opinião pública e opinião política deságuam, naturalmente, na concepção de *doxa*:

O que a *doxa* tem de especial para que possamos creditar-lhe o papel de ser base de qualquer argumentação? Amossy (2010), quanto a isso, aponta que a *doxa* é o lugar das opiniões, dos saberes partilhados e das crenças coletivas e, portanto, poderíamos dizer que ela compreende todas as possibilidades do discurso social. É possível enxergar a amplitude da *doxa* estabelecendo, inicialmente, o critério do encontro entre o ato retórico e o ato político, pela própria análise do lugar da opinião em uma e outra arte. Dito de outro modo, podemos considerar a *doxa* como o ponto exato de encontro (o principal entre outros, na verdade) entre a retórica e a política, *tekhnés* consideradas aqui e alhures como de origem afim (Seixas, 2019, p. 149).

A relevância dessas considerações para nossos propósitos reside na constatação de que a *doxa* não se restringe a opiniões comuns, partilhadas em dada cultura, pois envolve, conforme Seixas (2019), uma ação crítica, uma *práxis*, que parte de esquemas ideológicos de interpretação, mas que também os atualiza nas interações particulares concretas. Este é o ponto em que tal visão de *doxa* converge para o pressuposto de Paveau (2013 [2006]) de que o pré-discurso não se mantém congelado numa memória coletiva: ele se renova quando se efetiva nos usos concretos.

2 Por que aceitar a visão de cognição distribuída e de tecnodiscursividade

Vem de Hutchins (2000) a proposta de uma “cognição distribuída”, fundada na ideia de que a unidade de análise da cognição não se concentra na mente do indivíduo; e de que deve

incluir a coordenação entre estrutura “externa” (material) e os processos cognitivos, que não se encerram em inferências, raciocínios, aprendizagem e memória, mas se estendem a mecanismos de propagação. A cognição precisaria ser vista, assim, como um sistema adaptativo complexo.

Para Hutchins (2000), as habilidades funcionais dos indivíduos em sociedade se distribuem entre eles, nas interações em que estão envolvidos, em suas práticas culturais. Importa observar que não deixa de ser pertinente falar de uma sociocognição e de uma cognição “situada”, porque, nas atividades inferenciais, de raciocínio, de armazenamento em memórias e de divulgação, dá-se de algum modo uma colaboração em ações sincrônicas mais ou menos coordenadas para a resolução de problemas.

Porém, para além de ser situada, a cognição, como sistema adaptativo complexo, compartilha, além dos saberes e competências individuais e coletivos, presentes no que se poderia chamar de “anterioridades do discurso”, também a memória do ambiente e dos próprios artefatos utilizados para a comunicação. É com base nesse estofo teórico que aceitamos, em linguística textual, uma perspectiva de discurso, e também de pré-discurso, que se pautem numa visão pós-dualista, que não aparta as ações languageiras em dois lados distintos: homem e ambiente, incluindo os recursos tecnológicos.

Segundo Paveau (2021 [2017]), uma análise pós-dualista não poderia focalizar somente formas linguísticas ou comunicacionais, em detrimento de ações sociotécnicas e mais amplamente “ambientais” – é o que faz dela uma abordagem “ecológica”. Para a autora, até mesmo o locutor como agente enunciativo precisa ser reconsiderado como “distribuído” no ecossistema digital, já que ele não seria a fonte única da produção languageira.

A ideia de ecologia já é, na verdade, bastante antiga nas abordagens da cognição que argumentam em torno das relações de um organismo com os demais elementos de um ecossistema, por inúmeros mecanismos de *affordance* (“propiciamento”) e adaptação. Como informa Paiva (2010, p. 2), o termo *affordance*

foi cunhado por Gibson (1986) a partir do verbo *afford*, que significa produzir, fornecer, dar, causar, proporcionar, conferir, oferecer, propiciar, ter os meios ou recursos para. [...] Com esse conceito, Gibson pretendia nomear alguma coisa que se referisse tanto ao ambiente quanto ao animal, implicando a complementaridade entre o animal e o ambiente. Ele exemplifica essa complementaridade com o formato das superfícies terrestres. Dependendo do tipo de superfície, o animal ou o homem tem um tipo diferente de propiciamento: andar em uma trilha na floresta, deitar na grama, nadar no mar, cair em um buraco etc. Além disso, o homem modifica essa superfície (cortando, limpando, pavimentando) para modificar os propiciamentos.

Alguns argumentos bastante pertinentes de Paveau (2021 [2017]) para propor um hibridismo das ações humanas e tecnológicas digitais consistem em que, não apenas a produção discursiva, mas também a recepção, nos textos digitais nativos, envolve gestos de uma “escrileitura” na *internet*, como clicar, descer a barra de rolagem, teclar. Além disso, uma das propriedades fundamentais da tecnodiscursividade é sua dimensão relacional, que, por meio de

links técnicos e da rastreabilidade, possibilita aos textos uma ligação quase infinita e imprevisível com outros.

Os esquemas mentais são amplamente produto das relações com o ambiente e a vida social do sujeito, por isso a cognição distribuída, na acepção defendida por Paveau (2021 [2017]), não pode mais ser reduzida aos discursos emitidos e às suas condições sócio-históricas de produção, recepção e circulação; ela deve integrar também as ferramentas da tecnodiscursividade e todo o ambiente digital, com suas funcionalidades.

Ao propor uma cognição distribuída, Paveau (2013 [2006]) sai tanto de uma visão de cognição mais estrita, focada no indivíduo, quanto de uma visão mais coletiva e determinante. A autora adere à ideia de que há memória não apenas nos indivíduos, e não apenas entre eles, mas também no meio e nos artefatos, em tudo aquilo que compõe o ambiente e que entra em inter-relação, numa perspectiva ecológica da linguagem.

Poderíamos pensar que a cognição é também distribuída em interações que envolvem interlocutores não-humanos, não apenas porque se estende aos artefatos físicos e às funções possibilitadas pelos comandos para os quais são programadas, mas porque as tecnologias da Inteligência Artificial estão cada vez mais aptas a tomarem decisões que podem não depender da intencionalidade do humano. Por exemplo, em uma interação entre um humano e o ChatGPT, ambos podem convocar a memória compartilhada entre homem e máquina para gerar um melhor entendimento e para reduzir a repetição de palavras, otimizando a comunicação, como tem sido demonstrado por Martins (2024), em sua tese. Nessas interações, a seleção dos referentes em rede e da organização tópica na conversa encadeada no ChatGPT com o humano pode atender a decisões dessa Inteligência Artificial (Martins, 2024).

3 As propriedades do pré-discurso

Existe uma espécie de “distribuição colaboradora”, segundo Paveau (2013 [2006]), em relação a aspectos sociocognitivos, ao estender os agentes de distribuição a elementos não-artefaturais, como os sentimentos ou os valores, e também a processos de transmissão sincrônica e diacrônica de quadros pré-discursivos coletivos (conhecimentos enciclopédicos, crenças, emoções, percepções). Para a autora, o pré-discurso não é inteiramente equivalente a noções já definidas pelas análises do discurso, como “memória coletiva”, “memória (inter)discursiva”, dentre outras, porque contém cinco propriedades que lhe dão um diferencial:

- a) *Coletividade* – uma coelaboração entre o indivíduo e a sociedade, porque há uma apropriação pelo indivíduo das verdades do senso comum.

Os textos, que são individuais, como enunciados únicos e irrepetíveis, são constrangidos, claramente, por valores e crenças compartilhados pela sociedade em que o indivíduo está inserido. Paveau (2013 [2006]) fala em “coelaboração” entre cognição individual

e cognição social para salientar a tese de que os pré-discursos coletivos são filtrados pela apropriação do locutor. Compõe o senso comum um conjunto de conhecimentos, valores e crenças amplamente compartilhados por uma dada sociedade. São saberes e crenças adquiridos ao longo da socialização e que são internalizados pelos indivíduos como parte de seu repertório cognitivo e discursivo. Como afirma a autora:

Na verdade, os pré-discursos não estão arquivados nas máximas ou nos enunciados estereotipados repetíveis, porque são, materialmente, fixados: ao contrário, circulam sob as diversas formas expressas pelos locutores a partir de sua apropriação dos quadros coletivos (Paveau, 2013, p.131).

Ao se apropriar das verdades do senso comum, o indivíduo as utiliza como base para seus próprios usos. Temos mostrado como elas podem influenciar a forma como o locutor argumenta, constrói sentidos e se comunica com os outros. Pré-discurso não é o próprio uso, pois isso já seria do âmbito do discurso; também não é a memória interdiscursiva em si, mas os modos individuais e coletivos de apropriação das anterioridades, ou seja, antes mesmo de o texto ser efetivamente produzido. Por isso, a propriedade pré-discursiva de coletividade não implica uma simples reprodução acrítica das verdades estabelecidas, porque o indivíduo também exerce seu papel ativo na construção do discurso, reinterpretando, adaptando e ressignificando as verdades adquiridas coletivamente de acordo com suas próprias experiências individuais, perspectivas e intenções comunicativas.

Para ilustrar essa propriedade, podemos pensar em um tema como a igualdade de gênero, em torno do qual gravitam valores relacionados a papéis de gênero, estereótipos e normas sociais que foram internalizados pela maioria das pessoas. Dessa forma, pode haver a crença de que certas profissões são mais adequadas para homens ou mulheres, que os cuidados domésticos são responsabilidade das mulheres ou que homens devem ser mais assertivos, dominantes etc. Quando um locutor participa de uma discussão sobre igualdade de gênero, ele reelabora, à sua maneira, essas concepções do senso comum que foram internalizadas ao longo de sua socialização e de sua história de vida, o que certamente condicionará suas formas de perspectivar suas escolhas referenciais e seus modos de se posicionar nos textos. No entanto, esse mesmo locutor também pode pensar diferente e reinterpretar o senso comum. Ele pode questionar e desafiar esses estereótipos de gênero, argumentando em favor de uma repartição igualitária de tarefas domésticas, defendendo a igualdade de oportunidades profissionais ou promovendo a desconstrução de normas de comportamento baseadas em gênero. A colaboração entre o indivíduo e a sociedade na formação dos discursos ocorre por meio da apropriação, questionamento e transformação das verdades estabelecidas.

- b) *Imaterialidade* – os pré-discursos não se inscrevem diretamente na materialidade discursiva, eles imprimem nela marcas indiretas (o que Paveau (2013 [2006]) chama de “apelo aos pré-discursos”).

Como dissemos, os pré-discursos não são explicitamente mencionados, porque não correspondem aos usos discursivos em si. Mas é possível inferir sua influência por marcas

indiretas deixadas nos textos. Paveau (2013 [2006]) cita como possíveis marcas indiretas elementos linguísticos que denunciam estereótipos, identidades e outras representações sociais. Em linguística textual, propomos reconhecê-las por alguns de nossos critérios de análise, como por processos referenciais e por recursos intertextuais. Essas marcas podem ser sutis e passarem despercebidas, mas com certeza terminam por interferir na interpretação e na produção dos textos. O “apelo aos pré-discursos” mencionado por Paveau (2013) refere-se à maneira como os pré-discursos são convocados ou evocados no discurso, mesmo sem serem explicitamente mencionados. Essa convocação ocorre através dessas marcas indiretas, que ativam “as verdades” estabelecidas na mente dos interlocutores. Por exemplo, em um discurso político sobre a importância da segurança nacional, certas palavras como “ameaça”, “proteção” e “defesa” podem ser utilizadas de forma estratégica para evocar o pré-discurso. Diríamos, em linguística textual, que são expressões que colaboram para a construção de referentes como a necessidade de um estado forte e a proteção dos interesses nacionais. Para nós, esses termos não mencionam explicitamente os pré-discursos, mas evocam referentes associados a posicionamentos discursivos e engajam o outro.

- c) *Transmissibilidade* – a coletividade se desdobra sobre dois eixos: diacrônico e sincrônico. No sincrônico, há a construção, a difusão e a circulação dos quadros de saber e de crença; no diacrônico, há a transmissão no tempo.

Essa propriedade destaca que os pré-discursos são transmitidos e compartilhados tanto ao longo do tempo (diacronicamente) quanto no presente, em um recorte temporal (sincronicamente). No eixo sincrônico, Paveau (2013 [2006]) enquadra os chamados conhecimentos “compartilhados”, a que a autora prefere denominar de “distribuídos”. Os quadros pré-discursivos de saber e de crença são moldados e compartilhados coletivamente, e essa partilha ocorre no presente, em cada contexto de atualização. Por exemplo, no âmbito científico, há a construção de conhecimentos por meio de pesquisas, publicações e debates, que são distribuídos entre os professores e a comunidade acadêmica. Esses conhecimentos científicos são difundidos e circulam na sociedade por meio de conferências, artigos científicos, livros e outros meios de divulgação. Segundo a autora, a transmissibilidade sincrônica envolve a construção e a disseminação desses quadros de saber nas atualizações de uso, contribuindo para a formação de opiniões e para o desenvolvimento de práticas sociais. No eixo diacrônico, temos a transmissão dos pré-discursos ao longo do tempo. Isso significa que as verdades estabelecidas pela sociedade são transmitidas de geração em geração, intervindo nas percepções, nas atitudes e nas práticas ao longo do tempo. Os pré-discursos são herdados e perpetuados culturalmente, influenciando as formas de pensar e agir em diferentes épocas. Podemos pensar que as tradições culturais, os valores familiares e as normas sociais são transmitidas de pai para filho, de uma geração para outra, em uma diacronia que contribui para uma certa continuidade e para a manutenção de certas estruturas de poder.

- d) *Experimentalidade* – os pré-discursos coletivos são organizadores da experiência que constroem e pré-constroem ao mesmo tempo.

Na experimentalidade, os pré-discursos, estabelecidos pela sociedade, influenciam até mesmo o modo como acreditamos experienciar o mundo, o modo como percebemos e interpretamos situações e eventos. Os pré-discursos atuam como estruturas de referência que nos fornecem um conjunto de filtros cognitivos pelos quais processamos e organizamos nossa experiência. Por exemplo, se uma pessoa cresce em uma sociedade que valoriza a ideia de sucesso baseada em bens materiais, ela pode internalizar esse pré-discurso e passar a interpretar suas experiências à luz desse padrão. Suas escolhas e ações podem ser influenciadas, por exemplo, pela crença de que a aquisição de riqueza é um indicador de sucesso e felicidade, pré-construindo, em alguma medida, a experiência. Para Paveau (2013 [2006]), antes mesmo de vivenciarmos uma determinada situação, já temos um conjunto de concepções e expectativas determinadas pelos pré-discursos. Por exemplo, se alguém é exposto repetidamente a narrativas ilustrativas de que certos grupos sociais são perigosos, essa pré-construção discursiva pode afetar sua percepção e comportamento em relação a membros desses grupos, mesmo que não tenha tido experiências diretas que justifiquem essa visão ou atitude.

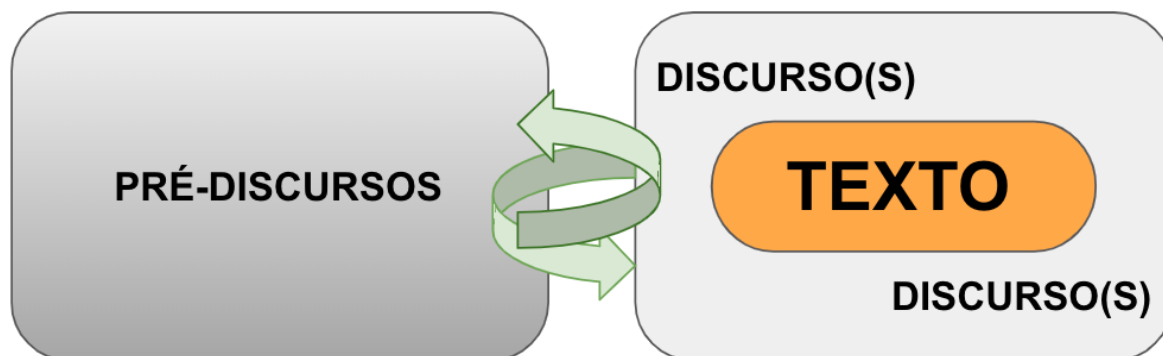
- e) *Intersubjetividade* – as verdades são apenas aproximadas e relativas, por isso só há interpretações de verdades, situacionalmente construídas. São modos de evidência perceptiva, como propõe Rabatel (2005). Os saberes não são apenas relativos: eles são adaptáveis.

Ao falar sobre a intersubjetividade em relação aos pré-discursos, Paveau (2013 [2006]) afirma que os saberes e as crenças não são apenas relativos, mas adaptáveis, considerando que os critérios de verdade e os pré-discursos são situacionalmente construídos, isto é, dependem dos parâmetros da situação. A autora ressalta a relação entre a intersubjetividade dos interlocutores, na medida em que, nas interações, eles adotam os comportamentos adequados a cada uma delas. Assim, não há algo apenas de sobredeterminado, nem algo apenas de individualizado, mas há saberes e crenças que são aprendidos e filtrados pelos indivíduos e pelos grupos, em cada situação particular.

4 Reflexão analítica

As considerações que tecemos até o momento nos conduzem a um quadro de retroalimentação entre o que é pré-discursivo e interdiscursivo, e ambos são convocados e filtrados na cognição distribuída, individual e coletiva (Figura 1).

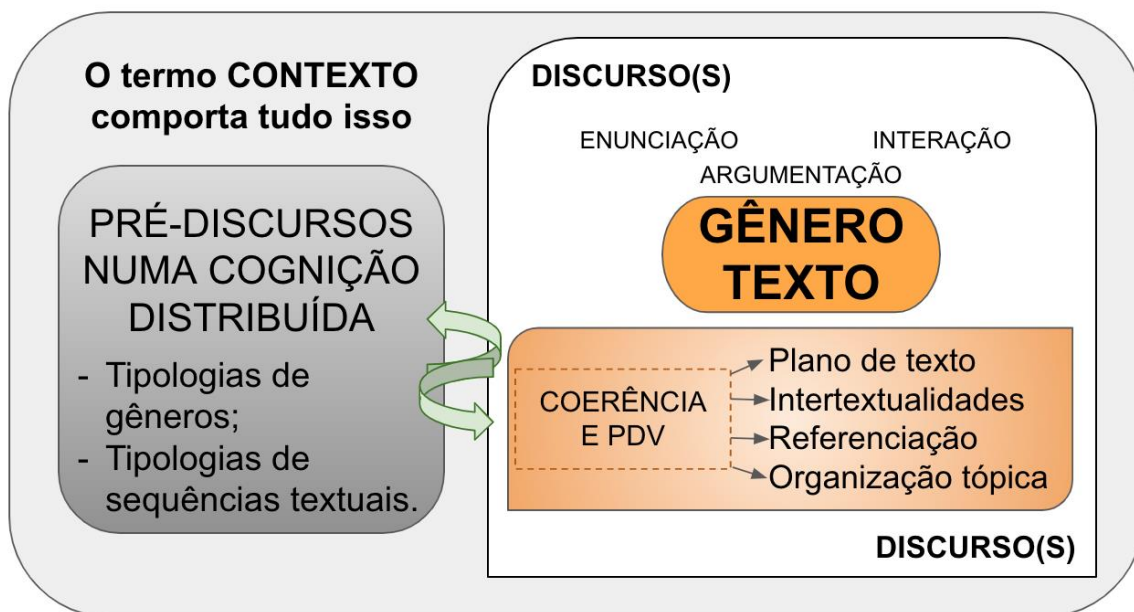
Figura 1. Pré-discursos e texto



Fonte: elaboração própria.

A construção colaborativa e coelaborativa do texto presume a negociação permanente dos participantes engajados no circuito comunicativo. As tentativas de influência do locutor/enunciador principal, que gerencia os pontos de vista de algum modo flagráveis, dão ao texto, qualquer que ele seja, uma dimensão argumentativa (Amossy, 2018).

Figura 2. Pré-discursos na análise textual



Fonte: elaboração própria.

Os critérios analíticos da linguística textual, como gênero, modos de enunciação, plano de texto, intertextualidades, referenciação e organização tópica, são examinados tendo em vista sua motivação argumentativa, mas supondo os pré-discursos e os embates interdiscursivos na

cognição distribuída. As normas, crenças e valores compartilhados em uma determinada cultura ou grupo podem influenciar a forma como os argumentos são construídos, como a enunciação é realizada, como a interação é estabelecida e como o texto é organizado. Essa abordagem amplia nossa compreensão dos sentidos no texto, reconhecendo a influência dos fatores sociais, culturais e contextuais mais amplos na construção conjunta (Figura 2).

A Figura 3 a seguir revela como, no contexto do racismo estrutural no Brasil, os pré-discursos desempenham um papel importante na percepção e na perpetuação de estereótipos, preconceitos e desigualdades raciais.

Figura 3. Pra que isso, mãe?



Fonte: <https://www.otempo.com.br/charges/charge-o-tempo-22-09-2019-1.2239876>.

Tendo em conta o padrão relativamente estável do gênero charge e por sua função satírica, é possível reconhecer o posicionamento crítico do locutor/enunciador principal ao racismo estrutural expresso nas imagens. Nesta charge de Duke, por exemplo, temos o referente introdutório mãe, manifestado desde o título, mas confirmado e recategorizado pelo desenho da mãe preta, puxando pela mão a filha igualmente preta, e pela fala da menina, usando o dêitico pessoal “mãe”. A expressão facial da filha contém traços representacionais que configuram o referente de espanto, o qual é reforçado pelas interrogações triplas. O referente de constrangimento da menina, exposta ao público com placas que nomeiam, desnecessariamente, não somente a ela, como “menina”, mas também aos objetos que ela porta, formam as redes referenciais que opõem pontos de vista, todos gerenciados pelo locutor da charge. A filha expressa o sentimento e a emoção da vergonha e, ao mesmo tempo, contesta a atitude com a pergunta “pra que isso, mãe???”. A contestação em si já demonstra a oposição de pontos de vista na enunciação das personagens. Mas a enunciação maior, que se dá entre o locutor da charge e o público leitor, por meio da encenação interior das personagens, denuncia o embate entre pontos de vista de dois discursos distintos.

O chargista convoca, a seu modo, pré-discursos sobre as dificuldades e o medo cotidiano enfrentado por pessoas pretas no Brasil, principalmente aquelas que vivem nas periferias das grandes cidades. O que poderia ser uma ação corriqueira, mostrada pelo referente “levando a criança para a escola”, é retratado pela cena como um momento de constrangimento da filha e de grande medo para a mãe preta. A filha está adornada com três placas de aviso: “Mochila”, “Criança” e “Merendeira”. Quando questionada pela filha sobre o motivo das placas, a mãe responde que é para evitar ser confundida com um bandido. A rede referencial em torno de escola, mãe de aluno e família corre agora, paralelamente, à rede referencial de bandidagem, perigo, violência e injustiça social.

Nota-se que os referentes dos anafóricos mochila, criança e merendeira são também fenômenos dêiticos, porque exibem aos passantes a designação desses objetos. É importante ressaltar o apontar através de uma seta vermelha, anunciando que isso que a menina leva nas costas é uma mochila, e que a bolsinha é apenas uma merendeira, e não uma arma ou objetos furtados. Por meio da cena inusitada, o chargista grita seu ponto de vista de indignação contra o racismo e a injustiça social. A menina é só uma criança e não deve ser confundida com um “bandido”.

Essa representação verbo-imagética dos pré-discursos ligados a preconceito e discriminação é filtrada pelo chargista em negociação com o público que interpreta o texto. Sustentando um ponto de vista que contradiz o discurso de quem aceita naturalmente essa situação ou que a provoca, o locutor/enunciador destaca o pré-discurso dessa realidade vivenciada por muitas pessoas pretas no país, que constantemente são associadas a estereótipos negativos. A mãe coloca as placas de aviso na filha como uma estratégia de proteção para evitar que ela seja alvo de suspeitas ou que seja tratada injustamente com base em estereótipos raciais.

A cena é confirmada também intertextualmente pelas alusões amplas a cenas cotidianas de medo e violência enfrentadas pelos cidadãos. Pode aludir, por exemplo, a um incidente ocorrido em 2018 na favela Chapéu Mangueira, no Rio de Janeiro. Nesse caso, R. A. da S. S., de 26 anos, foi fatalmente baleado por policiais da UPP ao ter seu guarda-chuva confundido com um fuzil enquanto descia a ladeira, carregando também um celular e um canguru para transportar seus filhos. Testemunhas relataram a confusão dos policiais, que acreditaram erroneamente que o guarda-chuva era um fuzil e que o "canguru" era um colete à prova de balas. O equívoco resultou em três disparos fatais. Outra evidência desse tipo de violência se deu em maio de 2010, em Andaraí, zona norte do Rio de Janeiro, quando um policial do Bope confundiu uma furadeira com uma arma, o que levou à morte do morador H. R., que apenas pregava uma lona em seu terraço. As alusões amplas podem ser inúmeras.

Frisamos ainda interseccionalidade, noção segundo a qual diferentes aspectos da identidade de uma pessoa, como classe social, gênero, etnia, raça e localização geográfica, se intersectam e podem afetar a forma como uma pessoa é percebida e tratada na sociedade. Essa perspectiva destaca que as experiências de discriminação e desigualdade não são isoladas, mas estão interconectadas e podem se acumular, agravando as dificuldades enfrentadas pelas

peças que não se encaixam em determinados padrões sociais, como pessoas gordas, pessoas deficientes, pessoas gays, pessoas trans, pessoas queer etc.

A charge aborda a questão da discriminação racial, evidenciando como a cor da pele pode levar a um tratamento desigual e a um constante sentimento de insegurança para as pessoas pretas. Ela também alerta para as dinâmicas de poder existentes na sociedade, em que certas características, como a cor da pele, são usadas para estigmatizar e marginalizar grupos específicos.

Além disso, os pré-discursos presentes na sociedade brasileira, como a ideologia do branqueamento, a hierarquia racial e a negação do racismo, também podem influenciar as representações do racismo nas charges. Esses pré-discursos moldam as percepções coletivas e as atitudes em relação às questões raciais, afetando a forma como o racismo é retratado e compreendido.

Em resumo, analisar a relação de pré-discursos com discursos dentro de um dado texto, para a linguística textual, é contemplar, dentre outros, três importantes critérios analíticos mostrados no exemplo:

1. Plano de texto:

- A decisão do locutor pelo gênero charge.
- A escolha pela sequência narrativa.
- A escolha do tópico, retratando uma criança e uma mãe pretas indo para a escola, e o risco de serem confundidas com bandidos.
- A orientação argumentativa: a indignação ante o racismo e o medo da violência.

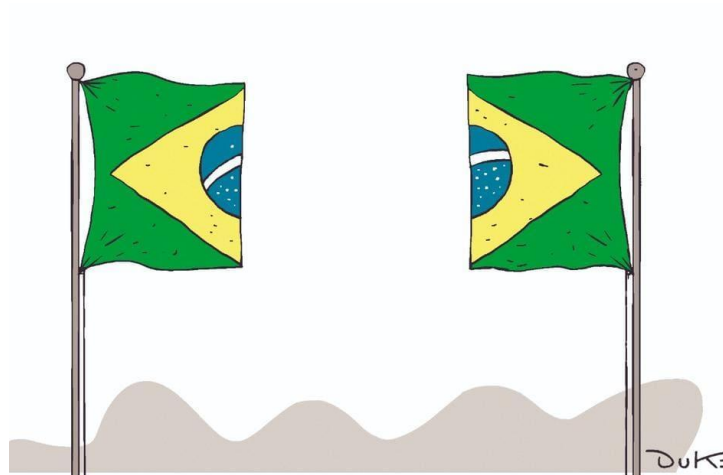
2. Intertextualidade:

- Apelo a alusões amplas a cenas cotidianas de medo e violência.

3. Referenciação:

- Construção de objetos de discurso perspectivados pelos pontos de vista: imagens estereotípicas da mãe e da filha preta, as placas de identificação, a expressão de medo.

Figura 4. O tempo



Fonte: <https://www.otempo.com.br/charges/charge-o-tempo-03-10-2022-1.2744087>.

A Figura 4, também uma charge de Duke, mostra a bandeira do Brasil partida em duas em 2022, ano da disputa eleitoral no Brasil. O texto faz uma reflexão sobre o clima de polarização nas urnas eletrônicas entre a extrema direita de Jair Bolsonaro e a esquerda do atual presidente Luiz Inácio Lula da Silva. A polarização social e a dicotomização de teses opostas faz parte de todo processo democrático de direito (Amossy, 2018), principalmente em uma sociedade como a brasileira, que sofreu todo tipo de desrespeito e aviltamento por ter sido governada durante quatro anos por um governo de extrema direita.

Essa divisão do Brasil em dois fica bastante evidente nesse tecnogênero charge, praticado nas interações dos ecossistemas digitais. O referente expresso no título “O tempo” faz alusão à presença de vários elementos culturais, sócio-históricos e ideológicos que influenciam na interpretação dos sentidos do texto, constituindo a rede referencial de extrema direita, fascismo, a fim de sustentar o ponto de vista de que a democracia está em risco, de que o oponente se apropriou de um símbolo nacional e de que a esquerda é radicalmente contra o discurso ali representado.

Podemos mencionar vários pré-discursos nesta charge, como a apropriação do símbolo nacional quando o grupo político da extrema direita, cujo ponto de vista o locutor/enunciador primeiro, o chargista, acusa por usar o símbolo nacional de nossa bandeira brasileira para promover suas ideias e agendas políticas. A extrema direita é um posicionamento político que se caracteriza por uma ideologia conservadora, nacionalista e, em alguns casos, populista; o fascismo é uma construção pré-discursiva que diz respeito ao regime político autoritário e nacionalista, que se caracteriza pela concentração de poder nas mãos de um líder forte e pela supressão de oposições políticas.

O chargista põe em destaque a rede referencial ligada ao ponto de vista a que ele próprio se assimila: “a democracia está em risco”. Ele alude à preocupação de que os princípios democráticos estejam ameaçados ou enfraquecidos por um governo fascista, que faz erodirem os direitos civis e os direitos políticos, fortalecendo movimentos antidemocráticos.

O padrão relativamente estável do gênero charge refere-se às características recorrentes e esperadas desse tipo de produção satírica, como o uso de imagens, humor e crítica social. A sequência textual descritiva dominante indica que a charge segue um formato que descreve visualmente uma determinada situação comunicativa. O locutor se posiciona como sujeito, estabelecendo um interlocutor e assumindo um ponto de vista, o de que nosso símbolo maior de república está partido e sendo ameaçado. Para isso, elementos visuais, como as cores da bandeira, expressam a indignação de que estão sendo usadas com fins fascistas.

Desse modo, o contexto é um importante conceito que engloba todos esses aspectos discutidos, como os pré-discursos, o padrão do gênero charge, a enunciação, as construções referenciais e os processos intertextuais na interatividade tecnodiscursiva.

Reforçamos os três grandes critérios da análise em linguística textual na charge “O tempo”, o plano de texto, a sequência descritiva os processos intertextuais e referenciais, como importantes gatilhos para a construção e interpretação dos sentidos do texto na prática discursiva.

1. Plano de texto:

- A decisão do locutor pelo gênero charge indica a escolha de uma forma visual e satírica para abordar o tema em questão.
- A sequência descritiva sugere que a charge pode apresentar uma série de elementos que são retratados visualmente.
- O tópico retratado na charge foi a divisão política do país e o ultraje à bandeira usado pela direita, possivelmente dividida como um gesto de protesto.
- A orientação argumentativa pode estar relacionada à constatação da divisão existente ou à indignação com a governança de extrema direita no país e a polarização causada na polêmica política.

2. Intertextualidade:

- A intertextualidade pode envolver referências à bandeira, símbolos nacionais ou outros elementos culturais relevantes.
- Também pode haver alusões a uma nacionalidade desrespeitada, fazendo referência a eventos ou situações específicas que estão em discussão.

3. Referenciação:

- A referenciação é a forma como os objetos de discurso são perspectivados pelos pontos de vista presentes na charge, como a representação visual do traço da bandeira, retratando-a de forma dividida. A cisão da população e o dissenso total nas eleições de 2022 também foram representados visualmente para destacar o tema da divisão política.

Além disso, o locutor também instaura o interlocutor, que é o leitor da produção da charge. O locutor da charge se institui como sujeito, instaura o interlocutor, assimila-se a um ponto de vista e gerencia outros. Os interlocutores podem ser os usuários das redes sociais, o leitor, o público-alvo ou uma figura específica representada na própria charge. O locutor direciona sua mensagem para esse interlocutor, buscando alcançar um determinado efeito comunicativo.

Conclusão

Neste artigo, buscamos mostrar a relação entre os pré-discursos e o funcionamento textual, destacando como eles se manifestam nas interações, se atualizando no acontecimento do texto. Ficou evidente que os conhecimentos, crenças, opiniões e identidades, tanto gerais quanto específicas, podem surgir e se adaptar às situações de comunicação, considerando a relação entre os interlocutores inseridos em um contexto sócio-histórico e cultural mais amplo. Essa perspectiva enfatiza a intersubjetividade, que demonstra as idiossincrasias, revelando as particularidades de cada texto e confirmando a ideia de que os pré-discursos são adaptáveis, além de relativos. Uma vez que na coletividade ocorre uma apropriação da doxa pelo indivíduo, ou seja, verdades do senso comum que são adquiridas ao longo de sua experiência de vida, as verdades são relativas, sendo modos de percepção e evidência, tal como foi defendido por Rabatel (2005).

Demonstramos a interdisciplinaridade entre os estudos do discurso e os estudos do texto ao analisar como, no evento textual, os interlocutores convocam e selecionam os pré-discursos, numa cognição distribuída, ajustando-os ao jogo de pontos de vista expressos de forma referencial e intertextual e organizando-os de diferentes modos no texto. A perspectiva de cognição distribuída é, com efeito, bastante adequada aos pressupostos que assumimos em Linguística Textual porque respalda a concepção de pré-discursos, de Paveau, como "quadros de saber, de crença e de prática que não estão disponíveis apenas no espírito dos indivíduos e na cultura dos grupos (é sua natureza representacional), mas estão distribuídos, no sentido cognitivo desse termo, nos ambientes materiais da produção discursiva (sua natureza prática e mesmo técnica)" (Paveau, 2006, p. 318).

Assim, o contexto desempenha um papel crucial na compreensão desses elementos discutidos, incluindo os pré-discursos, o padrão do gênero, os modos de enunciação, as modalidades argumentativas e os demais recursos de textualização, como a referenciação e as intertextualidades.

Financiamento

Mônica Magalhães Cavalcante agradece ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pela Bolsa de Produtividade em Pesquisa – 1D.

Mariza Angélica Paiva Brito agradece à Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP) pela Bolsa de Produtividade em Pesquisa, Estímulo à Interiorização e à Inovação Tecnológica – BPI.

Mayara Arruda Martins agradece ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo financiamento da pesquisa de doutorado.

Referências

AMOSSY, R. *A argumentação no discurso*. Coord. de trad. Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio-Ferreira. Trad. Angela M. S. Corrêa et alii. São Paulo: Contexto, 2018.

AMOSSY, R.; PIERROT, A. H. *Estereótipos e Clichês*. Tradução: Mônica Magalhães Cavalcante et al. São Paulo: Contexto, 2022.

ARENDT, H. *A condição humana*. Tradução de Roberto Raposo. 10ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

CAVALCANTE et al. *Linguística Textual: conceitos e aplicações*. Pontes Editores. 2022.

HANKS, W. F. *Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. BENTES, A. C.; RESENDE, R. C.; MACHADO, M. A. R. (Org.). São Paulo: Cortez, 2008.

HUTCHINS, E. *Distributed cognition*. In: International Encyclopedia of the Social and Behavioral Sciences. Elsevier Science, 2000.

LIPPMANN, W. *Opinião Pública*. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes, 2008.

MARTINS, M. A. *Tecnotextualidade e campo dêitico digital: aspectos interacionais e enunciativos*. Tese de doutorado. Fortaleza, 2024.

PAIVA, V. L. M. O. *Propiciamento (affordance) e autonomia na aprendizagem de língua inglesa*. In: LIMA, D. C. *Aprendizagem de língua inglesa: histórias refletidas*. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2010. <https://jornal.usp.br/atualidades/o-que-esperar-da-politica-da-economia-e-de-outros-temas-vitais-ao-brasil-em-2022/>.

PAVEAU, M-A. *Os pré-discursos: sentido, memória, cognição*. Trad. G. Costa, D. Massmann. Campinas: Pontes, 2013 [2006].

PAVEAU, M-A. *Análise do Discurso Digital: dicionário das formas e das práticas*. Org. da trad. Júlia Lourenço Costa e Roberto Leiser Baronas. 1 ed. Campinas: Pontes Editores, 2021 [2017].

RABATEL, A. *Effacement énonciatif et argumentation indirecte*. On perceptions', 'on-représentations' et 'on-vérités dans les points de vue stéréotypés. In: Raccah, P.-Y. (dir.), *Signes, langues, cognition*, Paris, L'Harmattan, p. 87-118. 2005.

SEIXAS, R. *Entre a retórica do impeachment e a do golpe: análise do conflito de lógicas argumentativas na doxa política brasileira*. 2019. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

LINHA D'ÁGUA

SILVA, M. P. *A manifestação referencial dos estereótipos sobre a mulher na construção persuasiva de anúncios de cerveja*. 2022. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção. 2022.

SOARES, M. S. *Estratégias argumentativas e anterioridades - uma análise textual*. In: Seminário Internacional de Estudo sobre Discurso e Argumentação (SEDiAr), 2023, São Paulo.